Vanguardas, Artes e Guerras

UNIDADE II

OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM

- Estudar os conflitos armados.
- Compreender a expansão do comunismo.
- Estudar a relação entre arte e vanguardas.

ROTEIRO DE ESTUDOS

- SEÇÃO 1 - 1ª Guerra Mundial e a Revolução Russa
- SEÇÃO 2 - Ascensão do nazismo e do comunismo
- SEÇÃO 3 - Vanguardas artísticas

UAB UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL

PARA INÍCIO DE CONVERSA

A primeira metade do século XX foi marcada pela ascensão de ideologias de direita e de esquerda. Oriundas da Revolução Francesa, essas ideologias marcaram profundamente as sociedades envolvidas no processo de modernização social, especialmente os países europeus.

De um lado, o nacionalismo, que se transformou em movimentos de direita, antiliberal e anticomunista, marcou a passagem do século XIX para o XX, tornando-se a principal influência política e social para a eclosão da 1ª Guerra Mundial. De outro, o comunismo, principalmente após a Revolução de Outubro, tornou-se uma força política tendo como base de expansão a União Soviética.

De um polo a outro, vemos as vanguardas artísticas incorporando ideologias e tentando agir no sentido de modificar a realidade na qual estavam inseridas. Ou seja, a polarização política atingiu também o campo da arte, aparecendo movimentos que se espelhavam nos movimentos políticos. Em suma, quase não havia possibilidade de isenção na primeira metade do século XX, o século das ideologias.

SEÇÃO 1
1ª GUERRA MUNDIAL E A REVOLUÇÃO RUSSA

O avanço do nacionalismo na passagem do século XIX para o XX levou as potências europeias a um permanente conflito de interesses. Disputavam áreas coloniais fora da Europa e áreas de influência em zonas próximas. Este era o caso do Império Austro-Húngaro, herdeiro do Império Romano-Germânico, que abrigava diversas nacionalidades.

O Império Austro-Húngaro nasceu de um compromisso entre a realeza austríaca e a aristocracia húngara em 1867, visando

a manter o poder e a unidade do Império. Era o maior estado da Europa ocidental e abarcava treze estados atuais: Áustria; Hungria, República Tcheca; Eslováquia; Eslovênia; Bósnia-Herzegovina; e regiões na Sérvia, Croácia, Montenegro, Itália, Polônia, Romênia e Ucrânia. Era um estado transnacional, tornando-se um centro de interesses e disputas, principalmente nas áreas fronteiriças e também através de disputas internas entre as nacionalidades, especialmente na Hungria, pois havia uma forte discriminação dentro do Império, relegando os húngaros a uma espécie de cidadãos de segunda categoria e os eslavos (eslovenos, croatas, poloneses, checos) a uma situação de completo desprezo. Enquanto húngaros tinham pequenas chances de alcançar carreiras burocráticas dentro do Estado, isso era praticamente vedado aos eslavos.

Assim, a tensão interna era constante, pois muitas nacionalidades demonstravam o seu descontentamento com relação à política centralizada em Viena, capital do Império. Muitos movimentos separatistas surgiram nas regiões mais oprimidas, visando à independência do poder central. De certa maneira, o Império agiu internamente como outras potências em relação às áreas coloniais, como vimos na seção anterior.

A política expansionista do Império também era motivo de preocupação, principalmente por parte da Rússia, que tinha interesses na região dos Bálcãs, onde hoje fica a Sérvia, Croácia, Montenegro, Kosovo, Bósnia-Herzegovina, e também nos territórios da Ucrânia e Polônia. O temor de uma guerra entre os estados levou o Império a uma aliança com o nascente reino da Alemanha, unificado em 1871 – antes da unificação a Alemanha era um conglomerado de pequenos Estados e principados.

O alinhamento da Áustria com a política alemã se devia ao fato de a Alemanha haver se tornado uma potência industrial e militar, fazendo frente à França e à Inglaterra. Assim, cedendo aos interesses alemães, o Império Austro-Húngaro aceitou a entrada na aliança da Itália, mesmo tendo um histórico de conflitos. Formou-se assim a Tríplice Aliança. Como resposta a esta política de alinhamento, formou-se a Tríplice Entente, uma aliança tendo à frente a França, a Inglaterra e a Rússia (cf. o mapa abaixo).

http://pt.wikipedia.org/wiki/Tr%c3%adplice_Entente

As alianças garantiam a pronta reação de outros membros caso um deles fosse atacado por nações não pertencentes ao pacto. Dessa forma, estava estabelecido um quadro bastante preocupante, pois qualquer confrontação poderia se tornar um evento de grandes proporções, e foi exatamente isso o que aconteceu.

A Sérvia estava em constante conflito com o Império Austro-Húngaro, principalmente porque desejava unificar os povos eslavos dos Bálcãs (região na qual se encontrava), o que não era aceito pelo Império. Os russos eram tradicionais aliados dos sérvios e desejavam expandir a sua área de influência. Este era um jogo perigoso.

Por ocasião da visita de Francisco Ferdinando, herdeiro do trono Austro-Húngaro, a Sarajevo, em 28 de junho de 1914, um atentado tirou sua vida. Ele foi assassinado por um militante de um movimento separatista. Imediatamente o governo austro-húngaro culpou a Sérvia e deu um ultimato. Nele, entre outras imposições, estipulava que investigadores austríacos seriam enviados à Sérvia, o que não foi aceito, pois, segundo o governo deste país, atentava contra a soberania. Assim, em 28 de julho de 1914, o Império declarou guerra e bombardeou a capital sérvia, Belgrado.

A Rússia mobilizou suas tropas e as colocou em direção da fronteira

com o Império. A Alemanha – aliada dos austríacos, como vimos acima – lançou um ultimato aos russos para pararem com a mobilização. Sem resposta, declarou guerra à Rússia. Temendo um ataque por parte da França, a Alemanha também lhe declarou guerra, no dia 3 de agosto. Vendo a situação se deteriorar, a Inglaterra logo entrou no conflito ao lado da França. Assim se inicia a Primeira Guerra Mundial.

A violência do conflito foi surpreendente. Muitos esperavam um conflito não sangrento e de pouca duração. No entanto, quando o avanço alemão foi contido na região do Marne, na França, estabeleceu-se uma guerra de trincheiras que acarretou enorme perda de vidas de todos os envolvidos. Fala-se em 20 milhões de mortos.

Entretanto, a guerra se estendeu para além do cenário europeu, envolvendo países de todos os continentes como também as áreas colônias, que se tornaram vitais para o fornecimento de matéria-prima, petróleo e homens para as nações em conflito. O Japão, por exemplo, entrou na guerra ao lado dos ingleses e franceses, pois tinha interesse em tomar áreas coloniais alemãs na Ásia. Já o Império Otomano se aliou à Alemanha na esperança de aumentar seu território nos Bálcãs. Dessa forma, o conflito se alastrou pelo mundo.

Enquanto na frente ocidental a Alemanha enfrentava Inglaterra e França, do lado oriental estava diante da Rússia. Porém, o exército russo era menos preparado e vinha sofrendo duras derrotas, o que provocava um grande descontentamento na população, pois a guerra provocou uma grave crise econômica que logo se tornou social e política.

O Czar Nicolau II, vendo as derrotas sucessivas do exército russo, assumiu o comando geral, o que lhe acarretou um grave problema: passou a ser responsável pelos reveses sofridos pelo exército. Com a popularidade em baixa há muitos anos, ele passou a sofrer uma grande oposição interna.

Essa oposição já vinha se estabelecendo desde fins do século XIX. A Rússia era um país no qual as diferenças sociais eram extremas. De um lado, uma aristocracia conservadora e latifundiária; de outro, milhões de camponeses analfabetos e submetidos ao controle aristocrático em regime de servidão. Entre eles surgiu o operariado com a pequena industrialização promovida pelo Czar.

Logo, no seio da classe operária as teorias socialistas encontraram

solo fértil. As condições de trabalho e de vida levavam muitos trabalhadores a abraçarem causas ligadas ao movimento operário que surgiram no século XIX (cf. História Contemporânea I). Assim, socialistas, anarquistas e comunistas disputavam espaço no movimento. Já o campesinato, apesar de algumas adesões, encontrava-se isolado dos centros e as propagandas socialistas quase não chegavam até eles. Mesmo assim os movimentos sociais ganhavam força em meio da violenta repressão do regime czarista.

Duas correntes ganharam destaque, os anarquistas e os comunistas. Estes, por sua vez, dividiram-se em duas facções: os mencheviques, que em russo significa minoria, e os bolcheviques, que significa a maioria. Os primeiros eram mais próximos do partido socialdemocrata alemão, que pregava a luta por meio do parlamento e a conquista do governo através do voto. Já os bolcheviques entendiam que a tomada do poder devia ser por meio da luta revolucionária.

A terminologia menchevique e bolchevique não tem nada a ver com o número de militantes, sendo inclusive os mencheviques mais numerosos. A grande questão foi a votação no seio do Partido Operário, a origem das facções, sobre qual o melhor meio de luta para se chegar ao poder. A proposição bolchevique teve mais votos, daí o surgimento dos termos.

A Rússia, que havia entrado na guerra ao lado da Inglaterra e França, vinha sofrendo enormes perdas no *front*. Internamente, uma grave crise econômica alavancou o movimento operário. Greves e motins aconteciam nos principais centros urbanos, enquanto soldados fugiam da frente de batalha, pois os oficiais, na sua maioria aristocratas, impunham as piores condições de luta.

Logo, anarquistas e comunistas começaram a organizar os *soviets* que eram conselhos formados por operários, soldados e camponeses. Eram vistos como a base de um governo revolucionário. Os bolcheviques, percebendo a importância desses conselhos, logo procuraram dominá-los, colocando seus militantes como dirigentes. Dessa forma, esses *soviets* se tornaram a principal peça de resistência ao regime czarista.

Numa grande manifestação em São Petersburgo, o Czar deu ordem ao exército para atirar contra o povo; no entanto, parte dos soldados apoiou a população, o que decretou o fim da monarquia. Em 15 de março de 1917,

liberais e socialistas depuseram o Czar (no calendário russo, fala-se em Revolução de Fevereiro). Iniciou-se uma fase de governo dominado por liberais e socialistas.

Nesse período, que se estenderia até novembro de 1917, grandes convulsões sociais aconteciam por toda a Rússia. A maior parte da população desejava o fim da guerra e distribuição de alimentos, já que estavam escassos. Os bolcheviques, que reivindicavam o governo para si mesmos, organizavam células revolucionárias em fábricas e no campo. Também queriam o fim da guerra.

O governo liberal perdia cada vez mais legitimidade, até que em 7 de novembro daquele ano (no calendário russo dia 25 de outubro – por isso a Revolução Russa é conhecida também por Revolução de Outubro), comunistas, socialistas radicais e anarquistas cercaram São Petersburgo e tomam o Palácio de Inverno, decretando o fim do governo liberal e social-democrata.

Em seguida, uma série de decretos foram editados visando à manutenção do poder nas mãos dos bolcheviques, afastando as demais facções como os anarquistas e socialistas radicais. Foi decretado o fim da guerra, e o governo bolchevique negociou a paz com a Alemanha. Esta ganhou fôlego para continuar a guerra no ocidente, pois já vinha esgotando suas forças no enfrentamento de britânicos, franceses e os recém-chegados norte-americanos.

Porém, mesmo com a saída da guerra, iniciou-se um período dramático na história da Revolução, a Guerra Civil. Ela durou até 1921, com grandes perdas, além de o recém-criado exército vermelho ter enfrentado uma coalizão de exércitos que tentavam auxiliar os contrarrevolucionários após o fim da Primeira Guerra Mundial. Por outro lado, vários grupos também revolucionários foram perseguidos e seus militantes presos ou fuzilados, como foi o caso dos anarquistas. O partido bolchevique desejava a hegemonia no governo, assim via os anarquistas como concorrentes e para manter o monopólio do poder, afastou-os violentamente.

Enquanto na Rússia os bolcheviques lutavam pelo poder, a guerra seguia para o fim. A Alemanha, esgotada militarmente e também economicamente, pediu o armistício. Sem condições de impor condições sofreu tremendas sanções por parte dos aliados vitoriosos. Pesadas reparações lhe foram impostas pelos vencedores, o que exasperou a violenta crise econômica que

já vinha sofrendo. O Kaiser, desmoralizado, abdicou do trono e se iniciou um período de perturbações sociais que culminaram com a ascensão do nazismo.

O balanço que se pode fazer da Primeira Guerra Mundial foi a total modificação do quadro das nações na Europa e o surgimento de um potente movimento oriundo da Rússia, o comunismo. O Império Austro-Húngaro foi retalhado em várias nações, surgindo dele a Tcheco-eslováquia, Hungria, Iugoslávia, Polônia e regiões autônomas. Também o Império Otomano foi desmembrado, surgindo vários reinos e repúblicas. Colônias alemãs mudaram de mãos, sendo distribuídas entre os aliados. Assim, a guerra modificou a Europa, mas não resolveu muitos problemas, como veremos a seguir.

SEÇÃO 2
ASCENSÃO DO NAZISMO E DO COMUNISMO

Com a estabilização do regime soviético, em 1921, na Rússia, e a constituição da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (1919), Lênin, então dirigente comunista, lançou um programa de industrialização do país. Esse plano recebeu o nome de NEP e visava fundamentalmente reconstruir a devastada economia russa. A intenção de Lênin era modernizar a economia, pois acreditava que sem a formação de um grande proletariado, a Revolução não se sustentaria. Portanto, favoreceu o surgimento de empreendedores sob controle do Estado e permitiu a posse individual de terra por parte dos camponeses. Aos poucos a União Soviética se erguia da guerra civil.

Em 1924, Lênin veio a falecer. Uma intensa disputa pelo poder tomou conta dos altos escalões do Partido Comunista (antigo partido bolchevique), até que Stálin tomou o poder e afastou os oponentes (Trotsky opta pelo exílio no México). Ele implantou os planos quinquenais, estabelecendo metas para todos os setores da economia, para serem atingidas em cinco anos. Com isso a economia passou a ser planificada. Ao mesmo tempo, perseguiu duramente seus oponentes e estabeleceu um governo ditatorial. Promoveu a coletivização dos campos, acabando com a propriedade individual, o que veio a ser um desastre, pois a produção de alimentos caiu vertiginosamente.

Mesmo assim, o comunismo soviético se tornou modelo, e surgem partidos comunistas em vários países. Apesar da violenta ditadura na União Soviética, a eliminação de oponentes, fome e deslocamentos forçados de populações promovidos por Stálin, pouco se sabia, pois a máquina de propaganda somente divulgava índices positivos e peças mostrando o povo feliz. Poucos correspondentes estrangeiros tinham acesso ao regime. Dessa forma, muitos militantes comunistas de outros países, iludidos, pensavam que o regime soviético era quase perfeito.

O impacto da Revolução Russa nos movimentos socialistas do mundo foi imenso. Pela primeira vez na história era formado um governo proletário, o que incentivou as lutas sociais em outras nações. Logo revoltas estouraram na Hungria, Alemanha e até mesmo no Brasil.

A expansão do movimento comunista causava apreensão no mundo capitalista, muitos países passaram a reprimir violentamente os movimentos sociais, temendo uma contaminação pelos ideais soviéticos. O mundo que saiu abalado da Primeira Guerra conheceu novas convulsões: de um lado, movimentos sociais buscando modificar completamente as relações de classe; de outro, movimentos nacionalistas radicais animados por antigos combatentes que assumiam um caráter fascista, como, por exemplo, na Itália.

O fascismo é um movimento de direita e podemos dizer que possui uma ideologia híbrida. Ele é uma mistura indistinta entre nacionalismo, racismo, socialismo. Mas pode ser caracterizado principalmente por ser antiliberal, isto é, prega um tipo de sociedade na qual o Estado seria o mais importante e não o indivíduo, e também por ser completamente anticomunista.

O nome fascismo vem de fascio, grupos militantes que surgiram no fim do século XIX na Itália. A origem do nome é fasce, que em latim significa um instrumento que lictores, na Roma Antiga, carregavam – um machado com o cabo feito de feixes indicando união.

Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Fasces2.png

No início do século, o fascismo era uma ideologia típica do *lumpenproletariado* (cf. Unidade I), pois não apresentava uma coerência programática, misturando nacionalismo, racismo e socialismo. Os dois primeiros são excludentes, nação e raça se opõem à completa integração política, que é o caso do socialismo. Essa ideologia híbrida combina com o estilo de

vida do *lumpen*. Este deseja ascender socialmente, mas cultiva ódio à alta burguesia, acreditando que ela não quer a sua ascensão; ao mesmo tempo, despreza o operariado pelo estilo de vida deste e sua ideologia classista, considerada inferior diante do nacionalismo racista que cultivam.

Assim, pregam a unidade nacional em torno de temas racistas e, de modo contraditório, almejam uma determinada igualdade social. Foi o que aconteceu na Itália no início dos anos 20. O movimento fascista havia ganhado força, principalmente entre veteranos de guerra e se tornou um partido, vindo o seu líder, Mussolini, a assumir o governo em 1922 numa coligação de partidos de direita. Aos poucos implantou o regime de partido único, o Partido Nacional Fascista, centralizando toda a vida política no Estado.

Em pouco tempo, o partido fascista recebeu apoio popular, pois tomava medidas que a princípio pareciam atender às reivindicações das massas, mas também conseguiu a adesão de setores médios e da burguesia, aparecendo como único partido capaz de enfrentar o comunismo. Desta forma, já em meados da década de vinte, a Itália tinha se convertido numa ditadura fascista, pois em 1928, somente poderiam ser candidatos políticos que fossem aprovados pelos fascistas.

Uma das maiores características do fascismo foi a militarização da sociedade. Os militantes andavam uniformizados, inclusive o próprio Mussolini, que tinha sido professor do ensino fundamental. Ele fortaleceu as forças armadas. Equipando-as e dirigindo uma política beligerante em direção de países africanos como Líbia, Tunísia, Etiópia, e europeus como Albânia e Montenegro, o fascismo conseguia popularidade.

Porém, apesar do discurso beligerante e do envolvimento na Segunda Guerra Mundial, a Itália fascista se mostrou despreparada e sofreu uma série de reveses até que em 1943, com a queda de Mussolini, retira-se do conflito.

Outra manifestação do tipo fascista foi o nazismo na Alemanha, porém de caráter muito mais violento e radical. Nazismo vem do nome em alemão do Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães. Como é possível notar, também misturou indistintamente ideologias contraditórias, o que é típico do *lumpen*.

A origem do partido veio de movimentos nacionalistas promovidos por oriundos das trincheiras da Primeira Guerra e logo atraiu o interesse

de Adolf Hitler, que também foi soldado e lutou na guerra. Misturando um racismo radical com pangermanismo, Hitler se tornou chefe do partido em 1921. Imputava aos políticos e principalmente aos judeus o fato de a Alemanha ter perdido a guerra e, portanto, a honra. Via na derrota um complô internacional para submeter os germânicos ao domínio judaico e também comunista. Pode-se observar que a ideologia nazista misturava vários elementos. Porém um dos grandes trunfos desse partido foi a utilização de símbolos e da propaganda para divulgar suas ideias.

Os nazistas pregavam valores tipicamente alemães, ou pelo menos era assim que entendiam, e acreditavam que a raça ariana era superior, por isso achavam que essa raça não se limitava às fronteiras alemãs. Também queriam expurgar as outras raças, principalmente as que julgavam inferiores como judeus, ciganos, africanos, eslavos, etc.

Em 1923, os nazistas tentaram tomar o governo da Baviera através de um golpe, porém as autoridades conseguiram debelar a rebelião e prenderam Hitler. Durante o tempo em que esteve preso, ele escreveu *Mein Kampf* (Minha Luta) e usou posteriormente este acontecimento como prova da perseguição que os nazistas sofriam.

Em 1930, conseguiram uma expressiva votação, muito devido à grande crise econômica que a Alemanha sofria devido ao *Crack* da bolsa de Nova York. As proposições dos nazistas sobre as origens da crise acabaram convencendo parte do eleitorado. Assim, o partido se torna a segunda força política da Alemanha.

O *crack* da bolsa foi a queda vertiginosa dos preços das ações nos Estados Unidos em 24 de outubro de 1929. A uma crise de superprodução seguiu-se uma retração. Com as empresas rendendo menos, perderam valor no mercado. A economia americana viu-se numa recessão violenta, milhões de trabalhadores ficaram desempregados da noite para o dia e os reflexos foram sentidos no mundo inteiro. Economias ainda frágeis, como a alemã, sentiram os efeitos da crise.

Em 1933, Hitler praticamente impôs sua candidatura, como chanceler do Reich, o que equivaleria ao cargo de Primeiro-Ministro, ao presidente Hindenburg, apesar de não possuir a maioria. Usando de táticas agressivas no parlamento e contando com uma tropa de choque composta por militantes nazistas, Hitler acabou impondo o regime de partido único em julho de 1933, após modificar a constituição da Alemanha. Com a

morte de Hindenburg, Hitler nomeou a si próprio *Füher*, quer dizer, tornou-se o supremo mandatário da Alemanha.

As medidas tomadas pelos nazistas, como a retomada da indústria de armamento e obras de infraestrutura, permitiram à Alemanha sair mais rapidamente da crise econômica, e logo o governo passou a ter um grande apoio da população.

O pangermanismo nazista levou a Alemanha a confrontos com seus vizinhos. Primeiro conseguiu a anexação da Áustria, em 1938, depois invadiu a então Tcheco-eslováquia, incorporando parte dela à região dos Sudetos. Em seguida, em finais de agosto de 1939, inicia a invasão da Polônia com a justificativa de que retomaria antigos territórios alemães. Tal política levou os governos da França e Inglaterra declararem guerra contra a Alemanha, e assim tem início a Segunda Grande Guerra Mundial.

SEÇÃO 3
VANGUARDAS ARTÍSTICAS

A partir do século XIX a arte passou a ter um importante papel nas discussões sobre a sociedade. Isso se deve à mudança de *status* do artista principalmente após a Revolução Francesa. Podemos dizer que da França se irradiou uma nova perspectiva com relação à arte. Movimentos artísticos logo foram tomados como expressões do que acontece na sociedade, e alguns iam além, tentavam influenciar os acontecimentos sociais, como ainda tentam.

A elevação do indivíduo como centro da vida social, por uma parte da sociedade burguesa, colocou no centro das atenções artísticas o autor autônomo e dono de suas realizações, podendo se estabelecer no mercado de bens artísticos vendendo suas obras. Agora, o artista não depende mais de pensões ou do mecenato para produzir, como no Antigo Regime; portanto, entende-se que ele é livre para criar.

Dessa forma, durante o século XIX surgiu um mercado de artes, sendo estabelecidas as produções artísticas que seriam de prestígio, outras que seriam de consumo do pequeno burguês e outras ainda que

seriam populares. Nesse mercado, caberia ao artista encontrar o seu lugar e o seu tipo de produção. Por isso, aos poucos, surgiu um tipo de arte que seria mais tarde conhecida como engajada, preocupada com as questões sociais. Algo quase impossível nos séculos precedentes, tendo em vista a não liberdade individual do artista.

Já no romantismo podemos dizer que havia tal preocupação. Esse movimento artístico surgiu em finais do século XVIII e durou até meados do século XIX. Podemos dizer que havia nele duas grandes correntes: a do romantismo pessimista e a do romantismo otimista, e de certa maneira ambas se casavam com as teorias históricas que surgiram na primeira metade do século XIX.

De um lado, teríamos a descrença no futuro, segundo a qual de nada adiantaria a ação humana, porque sempre existem forças que a ultrapassam impondo um destino trágico aos homens. Uma típica representante desta linhagem é a obra de Mary Shelley, *Frankstein ou o moderno Prometeu*. Nela, o cientista tenta dominar as forças da natureza, as quais acabam se voltando contra ele e marcando o seu fim de maneira trágica. De outro lado, encontramos a visão otimista acreditando no futuro e na ação humana como origem e fim dessa mesma ação, ou seja, o ser humano pode controlar a sua história e determinar o seu futuro. Vamos encontrar esta visão em várias teorias da história do século XIX, especialmente em Jules Michelet e em Karl Marx. Podemos perceber isso na imagem abaixo. No quadro de Eugène Delacroix (1798-1863) a figura mítica da Liberdade guia o povo, quer dizer, a liberdade seria a aspiração do povo em revolta, portanto ele próprio toma o destino em suas mãos e o faz acontecer.

Eugène Delacroix, "A liberdade guiando o povo", 1830, Museu do Louvre, Paris. (http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Eug%C3%A8ne_Delacroix_-_La_libert%C3%A9_guidant_le_peuple.jpg)

Evidentemente, a ciência teve um papel preponderante nesse romantismo otimista, pois ela fornecia elementos suficientes para se acreditar que num futuro próximo o homem se tornaria completo dono de seu destino. Não é à toa que Marx chama o seu socialismo de científico, pois acreditava que estava fundamentando sua teoria em preceitos da ciência e dando a direção do devir. O mesmo se passa com Auguste Comte, que pensava ter descoberto o modo como se processa a história e o destino que estávamos fadados a alcançar.

Com a ciência dando provas a respeito da origem do ser humano, a conformação dos seres, a natureza do universo, a arte também foi influenciada, surgindo, em meados do século XIX, o realismo. A sua principal proposta era relatar o mundo realmente como era. Não havia, para muitos dos realistas, algo para além do visto. Um dos maiores representantes deste movimento foi Gustave Courbet (1819-1877). O quadro abaixo apresenta claramente suas ideias.

Gustave Courbet, "Bom dia, Senhor Courbet", 1854, Museu Fabre, Montpellier.
(http://www.shafe.co.uk/art/Courbet_Bonjour_M_Courbet_1854.asp)

Muitos realistas acabaram adotando teorias sociais. O próprio Courbet era próximo do anarquismo e amigo de Proudhon (1809-1865). As obras deviam tratar da sociedade e do mundo como eram, sem especulações, sem ideologias. Opunham-se, dessa maneira, ao que acreditavam ser a sociedade burguesa, retratando o que o olho via.

> Joseph-Pierre Proudhon foi um teórico socialista que definiu modernamente o termo anarquia. Para ele este termo designava uma forma superior de organização social, pois estando livres das formas de governo, estariam livres da opressão, podendo ser organizarem mais naturalmente sem a necessidade de autoridades. Quer dizer, sem o Estado, os seres humanos buscariam o entendimento e acabariam com a competição e, consequentemente, com as diferenças entres eles.

No entanto, na busca de realidade, muitos artistas se depararam com um problema: como o olho humano efetivamente vê o mundo que o cerca?

Esta foi a resposta que os impressionistas quiseram encontrar. Partiram do realismo para chegar a um modo diferente de pensar a arte pictórica:

> A terceira onda da revolução pictórica na França (após Delacroix e a de Courbet) foi determinada por Édourd Manet (1832-1883) e por seus amigos. Esses artistas levaram a sério o programa de Courbet. Eles procuraram desmascarar tudo aquilo que, na arte, era apenas convenção. Eles se deram conta de que a convicção da arte tradicional de chegar a representar a natureza tal qual nós a vemos repousava sobre uma concepção falsa. Em todo caso, a arte tradicional tinha atingido apenas uma representação muito artificial dos seres e das coisas (GOMBRICH, 1996, p. 512).

Na busca da apreensão da realidade, Manet, por exemplo, descobriu que o mundo não é estático, tudo está em movimento, portanto a imagem não poderia ser retratada como imóvel. Este é o exemplo abaixo do quadro de Pierre-Auguste Renoir (1841-1919).

Gustave Courbet, "Bom dia, Senhor Courbet", 1854, Museu Fabre, Montpellier.
(http://www.shafe.co.uk/art/Courbet_Bonjour_M_Courbet_1854.asp)

Nesse quadro apresenta-se um exercício sobre o olhar. Quando fixamos uma imagem somente o centro do foco está claro, enquanto o seu entorno apresenta borrões; além disso, estando em movimento não é possível também obter uma imagem estática. De certa forma, esta opção representativa tinha como fundo a fotografia. Para capturar uma imagem, de acordo com as técnicas daquele momento, era necessário que as pessoas ficassem imóveis, senão as imagens sairiam borradas. Essa é a ideia dos impressionistas, quer dizer, a representação pictórica trata da realidade, e as pessoas, as coisas, a natureza não são imóveis, por isso aparecem desfocadas.

Muitos estudiosos tomaram o Impressionismo como uma das primeiras manifestações de vanguardas artísticas. O que se seguiu, na virada do século XIX para o XX e nas primeiras décadas deste, foi uma sucessão de movimentos artísticos e também políticos considerando a si próprios como vanguardas. A ideia era que um grupo mais esclarecido questionaria os padrões estabelecidos e proporia uma nova forma de ver o mundo. Como estaria à frente, poucos teriam a capacidade de ver o que o grupo via por isso a ideia de vanguarda.

Artistas aliavam a questão estética à política, e foi justamente nesse momento que se marcou a arte como uma possibilidade de ler, compreender e tentar mudar a sociedade. As vanguardas estabeleciam os caminhos e cabia aos outros seguirem. De certo modo, essa postura combina com as práticas políticas de vários partidos, de direita e de esquerda, nos quais um pequeno número constituía a dianteira (avant-garde) e davam a direção do movimento. Podemos encontrar esta tal posicionamento tanto nos primeiros partidos socialistas como também nos partidos nacionalistas. No meio do debate, a arte era engajada como forma de percepção e representação dos desejos da vanguarda partidária e artística.

Novos experimentos, especialmente na arte pictórica, foram feitos. É o caso do pontilhismo, como no quadro abaixo. O pintor buscava uma representação da fotografia, pois fazendo a imagem através de pontos como os pixels de um fotograma reproduzia imageticamente a foto.

Georges Seurat, "Domingo à tarde na Ilha de la Grande Jatte, 1885, Art Institute of Chicago.
(http://afrocityblog.wordpress.com/2009/06/30/mean-girls/georges_seurat_-_un_dimanche_apres-midi_a_lile_de_la_grande_jatte-3/)

Temos também experiências com sensações através do expressionismo. Esta forma de representação buscava apresentar a realidade visível do modo como seria sentida pelos indivíduos. Daí, formas às vezes grotescas, especialmente no cinema alemão, marcaram o período da República de Weimar.

René Magritte, "Tentar o impossível", 1928, Coleção particular

Outro movimento artístico que flertou com movimentos políticos foi o surrealismo. O onírico desta corrente se encontrava com as utopias socialistas, pois também estavam no mundo dos sonhos, mas a grande questão era realizá-los, isto é, como deixar de ser sonho e passar para o real, ou melhor, como transformar o real em onírico.

Na União Soviética, o Estado passou a fazer ingerências na produção artística. Exigia dos artistas o que ficou conhecido por realismo socialista. Era um tipo de arte que devia exaltar trabalhadores e camponeses, e qualquer outra forma de expressão passou a ser perseguida.

Cartaz de propaganda soviética. "Estude o grande caminho do partido de Lênin e Stálin". (http://pt.wikipedia.org/wiki/Realismo_socialista)

Os nazistas também tentaram impor um padrão estético, e toda produção artística que não os agradava era considerada degenerada. Praticamente toda a arte moderna foi colocada como decaída, sendo associada ao antissemitismo virulento do nazismo.

Assim, durante o século XX, vê-se, de um lado, o movimento de liberação do campo artístico, tratando o artista como autônomo e produtor, mas, de outro, ocorreram várias tentativas de enquadrar a arte, seja em prol de movimentos sociais, seja em prol de interesses do Estado.

No entanto, para concluir, podemos perceber que o mercado de arte do século XX foi se tornando cada vez mais exclusivo. O próprio campo artístico passou a exigir de quem o consome uma forma peculiar de linguagem, quer dizer, para compreender arte é necessário passar por um aprendizado formal, o que para a maioria das pessoas não é possível. Por isso ele é restrito, somente quem tem acesso à linguagem da arte pode usufruí-la, excluindo a maioria da população que aceita os padrões impostos por essa linguagem exclusiva do campo artístico.

Porém não devemos nos esquecer de que a produção artística é uma produção humana; logo, podemos, com a nossa própria compreensão, usufruí-la, estabelecendo os valores que achamos válidos sem a necessidade de adquirir uma linguagem especializada.

Vimos nesta unidade que os movimentos nacionalistas e comunistas foram os principais atores políticos do início do século, sendo o nacionalismo, inclusive, a grande influência da eclosão da 1ª Guerra Mundial. Este foi o caso do Império Austro-Húngaro, pivô central da guerra. Dentro do Império nacionalismos brigavam por espaço e acabaram contaminando toda a Europa.

No entanto, vimos que o racismo também ganhou força, misturando-se com o nacionalismo, numa aparente contradição, e se transformando numa força política e social que faria frente ao comunismo. Este movimento se tornou forte especialmente após a sua vitória na Rússia Czarista, irradiando-se para todo o planeta.

A política tinha presença tão marcante que nem o campo da arte escapou das querelas em torno do nacionalismo, racismo ou comunismo. Vanguardas artísticas se apresentavam a todo momento como lideranças de novas concepções estéticas que rapidamente eram tomadas como aliadas ou inimigas de movimentos políticos.

Filme: “A cruz de ferro”, Dir. Sam Peckinpah, 1976, Alemanha/Inglaterra.

Livro: “O zero e o infinito”, de Arthur Köestler. Rio de Janeiro: Globo, 1987.

1 – Faça uma síntese da unidade.

2 – Leia o texto abaixo e o associe à unidade estudada.

TEXTO COMPLEMENTAR

Vejamos a análise de Giulio Argan do Expressionismo e as vanguardas no século XX.

"Comumente chamada de expressionista é a arte alemã do início do século XX. O expressionismo, na verdade, é um fenômeno europeu com dois centros distintos: o movimento francês dos *fauves* ('feras') e o movimento alemão *Die Brücke* ('a ponte'). Os dois movimentos se formaram quase simultaneamente em 1905 e desembocam respectivamente no *Cubismo* na França (1908) e na corrente *Der blaue Reiter* ('o cavaleiro azul') na Alemanha (1911). A origem comum é a tendência anti-impressionista que se gera no cerne do próprio Impressionismo, como consciência e superação de seu caráter essencialmente sensorial, e que se manifesta no final do século XIX com Toulouse-Lautrec, Gauguin, Van Gogh, Munch e Ensor.

Literalmente, *expressão* é o contrário de *impressão*. A impressão é um movimento do exterior para o interior: é a realidade (objeto) que se imprime na consciência (sujeito). A expressão é um movimento inverso, do interior para o exterior: é o sujeito que por si imprime o objeto. É a posição oposta à de Cézanne, assumida por Van Gogh. Diante da realidade, o Impressionismo manifesta uma atitude *sensitiva*, o Expressionismo uma atitude *volitiva*, por vezes até agressiva. Quer o sujeito assuma em si a realidade, subjetivando-a, quer projete-a sobre a realidade, objetivando-se, o encontro do sujeito com o objeto, e, portanto, a abordagem direta do real, continua a ser fundamental. O Expressionismo se põe como antítese do Impressionismo, mas o pressupõe: ambos são movimentos *realistas*, que exigem a *dedicação* total do artista à questão da realidade, mesmo que o primeiro a resolva no plano do conhecimento e o segundo no plano da ação. Exclui-se, porém, a hipótese simbolista de uma realidade para além dos limites da experiência humana, transcendente, passível apenas de ser vislumbrada no símbolo ou imaginada no sonho. Assim se esboça, a partir daí, a oposição entre uma arte *engajada*, que tende a incidir profundamente sobre a situação histórica, e uma arte de *evasão*, que se considera alheia e superior à história. Somente a primeira (a tendência expressionista) coloca o problema da relação concreta com a sociedade

e, portanto, da *comunicação*; a segunda (a tendência simbolista) o exclui, coloca-se como *hermética* ou subordina a comunicação ao conhecimento de um código (justamente o símbolo) pertencente a poucos iniciados.

O Expressionismo nasce não em oposição às correntes modernistas, mas no interior delas, como superação de seu ecletismo, como discriminação entre os impulsos autenticamente progressistas, por vezes subversivos, e a retórica progressista, como concentração da pesquisa sobre o problema específico da razão de ser e da função da arte. Pretende-se passar do cosmopolitismo modernista para um internacionalismo mais concreto, não mais fundado na utopia do progresso universal (já renegada pelo socialismo 'científico'), e sim na superação dialética das contradições históricas, começando naturalmente pelas tradições nacionais. A obra de Cézanne, cuja enorme importância somente então começava a ser avaliada, colocava sua premissa essencial: se o horizonte da arte coincide com o da consciência, não podem mais existir perspectivas históricas unívocas. Todavia, a pintura de Van Gogh também era uma descoberta recente e desconcertante, e Van Gogh indentificava a arte com a unidade e a totalidade da existência, sem distinção possível entre sentido e intelecto, matéria e espírito. No tema da existência insistem os dois maiores pensadores da época, Bergson e Nietzsche, que exercem uma profunda influência sobre, respectivamente, o movimento francês dos *fauves* e o alemão da *Brücke*. Para Bergson, a consciência é, no sentido mais amplo do termo, a vida; não uma imóvel representação do real, mas uma comunicação ativa e contínua entre objeto e sujeito. Um único *elã vital*, intrinsecamente criativo, determina o devir tanto dos fenômenos como do pensamento. Para Nietzsche, a consciência é decerto a existência, mas esta é entendida como vontade de existir em luta contra a rigidez dos esquemas lógicos, a inércia do passado que oprime o presente, a negatividade total da história." (Giulio Argan. Arte Moderna. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, pp. 227-228).